

Concepções sobre Sexo e Sexualidade entre Adolescentes Multiplicadores de um Programa de Educação Sexual

Samantha Larissa Torres¹, Milena Calgaro², Josiane Conceição de Andrade³ e Cynthia Borges de Moura⁴

1. Enfermeira. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* Foz do Iguaçu. 2. Enfermeira. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* Foz do Iguaçu. 3. Enfermeira. Especialista em Ensino Superior; Centro Cirúrgico e Central de Materiais e Esterilização. Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas. 4. Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* Foz do Iguaçu.

cynthia-moura@hotmail.com

Palavras-chave

Adolescente
Educação Sexual
Sexo
Sexualidade

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as concepções sobre sexo e sexualidade de um grupo de adolescentes antes e após capacitação para atuação como multiplicadores de um programa de educação sexual. Participaram 135 adolescentes entre 14 e 18 anos de idade, de ambos os sexos, alunos do ensino regular público. Foi utilizado um questionário (pré e pós-capacitação) para identificar a diferença nas concepções sobre sexo e sexualidade. Antes da capacitação os adolescentes conceituavam sexo principalmente como relação entre pessoas (38,7%), entretanto, após as aulas passaram a relacionar sexo ao ato sexual em si (38,7%). O mesmo ocorreu com o conceito de sexualidade. Os adolescentes não sabiam responder o que este termo significava (27,3%) e após a capacitação passaram a relacioná-la a sentimento (26,8%) e descobrimento/ mudanças do corpo (23,7%). Conclui-se que há necessidade de implementação de trabalhos sistemáticos, a médio e longo prazo, sobre sexo e sexualidade para adolescentes nas escolas, visando aprimorar os conhecimentos dos adolescentes e consequentemente comportamentos preventivos. O modelo "adolescente multiplicador" pode ser uma alternativa viável para disseminar informações corretas entre os adolescentes quanto a própria adolescência e como lidar com as mudanças que ocorrem nesta fase.

Artigo recebido em: 13.04.2015.

Aprovado para publicação em: 06.05.2015.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de transição para a maturidade, com o desenvolvimento físico sempre precedendo o psicológico. É, por assim dizer, o elo entre a infância e a idade adulta, (LUNARDELLI, 2002). Segundo a Organização Mundial da Saúde (1995), a adolescência é a idade correspondente dos 10 aos 19 anos, sendo a pré-adolescência dos 10 aos 14 anos e a adolescência, propriamente dita, dos 15 aos 19 anos. A adolescência tem sido tema de muitos estudos na atualidade. Isso se deve ao fato de ter ampliado seu espaço etário diminuindo a infância e postergando o seu ingresso na fase adulta, sendo este foco para novas pesquisas (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1994).

Segundo Bretas (2004), fisicamente o adolescente encontra-se sob intensa transformação estimulada pela ação hormonal, característica da puberdade. As alterações biológicas propiciam uma série de eventos psicológicos que culminam na aquisição de sua identidade sexual.

Cardozo, Freitas e Fontoura (2002) afirmam que ao final desta transformação os indivíduos estão aptos para a reprodução, entretanto, a grande maioria não desenvolveu as habilidades emocionais necessárias para isso. Para Justo (2005), essa é uma fase de passagem de um círculo social restrito – a família – para um universo social mais amplo que, frequentemente, passa a ter mais influência, sobretudo no que se refere aos membros do grupo ao qual está agregado ou que nele pretenda ser aceito.

Hercowitz (2002) considera importante o desenvolvimento da sexualidade para o crescimento do indivíduo em direção a sua identidade adulta, inserção na estrutura social e determinação de sua autoestima e relações afetivas. Contudo, as mudanças no comportamento dos adolescentes em relação à sexualidade exigem atenção cuidadosa por parte dos pais e profissionais, devido às repercussões que incluem as vulnerabilidades relacionadas à saúde reprodutiva.

Entretanto, segundo Jardim e Bretas (2006), independentemente da participação familiar no processo educativo, a sexualidade está abertamente debatida na sociedade e nos meios de comunicação, como a televisão, o rádio e a Internet, que têm influenciado diretamente o comportamento do adolescente com um bombardeio de informações em sua maioria, distorcidas sobre a sexualidade.

O termo sexualidade surgiu no século XIX, marcando algo diferente do que apenas um remanejamento de vocabulário. O uso desta palavra é estabelecido em relação a outros fenômenos, como o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos; a instauração de um conjunto de regras e de normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, como, desejos, prazeres, sentimento, sensações e sonhos (FOCAULT, 1998).

Para Pereira (2008), a história da sexualidade no ocidente aponta que na antiguidade grega e romana vivenciava-se uma liberdade sexual sem referência à noção de pecado ou da moral, pois se vivia o completo prazer tendo o sexo tanto para a reprodução como também para busca de sentimentos profundos do amor, assim como o prazer sexual e a sensualidade.

Cedaro, Vilas Boas e Martins (2012) afirmam que pensar sobre a sexualidade na adolescência é também refletir sobre seus riscos e sobre a educação recebida pela população jovem a respeito desse tema, pois o início da vida sexual do/a adolescente costuma ser um momento marcante, e é considerado por muitos, pelo menos no discurso, um dos passos para se atingir a plenitude pessoal.

Para Brandão (2004), a iniciação sexual e/ou amorosa franqueia aos adolescentes a possibilidade do aprendizado da dimensão relacional íntima no tocante às diferenças de gênero, além de representar a conquista gradativa da autonomia pessoal nessa fase da vida

Nesse contexto, a educação sexual tem um papel importante na evolução da construção histórica, que, segundo Vitiello (1994), é o processo educativo especificamente voltado para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade. Sendo assim, a educação sexual visa levantar argumentos sobre a sexualidade, não no sentido de problematizá-la, mas sim de demonstrar evidências para que seja compreendida como algo existente e predominante no aspecto histórico-cultural, apresentando conhecimentos para o entendimento das crenças e preconceitos que foram criados ao longo da história (DINIS; ASSINELLI-LUZ, 2006).

Em vista da diminuição de uma formação equivocada, busca-se o desenvolvimento de ações de educação sexual em que sejam abordados temas mais recorrentes e de interesse dos envolvidos no processo de educação (ALTMANN, 2003, 2007, 2009).

Como este estudo, o trabalho de Camargo e Ferrari (2009) procurou saber o conhecimento sobre sexualidade de adolescentes antes e após oficinas de prevenção e notou-se que os adolescentes obtiveram um aumento significativo (55,8%) do conhecimento acerca do seu corpo e de sua sexualidade após as oficinas, observou-se também que os adolescentes preocupam em aprender mais sobre o seu corpo e o corpo do parceiro, principalmente no que diz respeito aos órgãos envolvendo sua sexualidade. O mesmo autor considera-se que a escola constitui um espaço adequado para a implementação de programas educativos, levando-se em conta a participação dos pares (amigos), professores e familiares nessas ações.

A escola é o ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida, e é um dos principais elementos para contatos interpessoais, por isso deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de responsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade. A orientação sexual na escola está sugerida nos novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), dando autonomia aos próprios estabelecimentos de ensino para decidirem a forma de abordarem esta temática (COSTA et al, 2001), (FELTRIN; GIL, 1996), GARCIA, 2005).

De acordo com Foucault (1988), o controle disciplinar sobre a sexualidade não se deve dar através de mecanismos negativos (repressões, proibições, censuras, negações) do sexo, mas sim, por meio da incitação ao discurso sobre este, o que promoveria a produção de saber acerca da sexualidade (MELLO et al, 2010).

A partir do século XVII, formou-se uma aparelhagem para a produção de discursos sobre o sexo, a qual, baseada na técnica da confissão, possibilitou a constituição do sexo como objeto de verdade. A confissão difundiu amplamente seus efeitos – entre outros, na pedagogia – e, através de dispositivos que passaram a produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, pôde aparecer algo como a sexualidade, enquanto verdade do sexo e de seus prazeres. A sexualidade, portanto, não é um sistema de representações, mas uma economia dos discursos. E no jogo de dizer a verdade sobre o sexo, constitui-se um saber, saber este que nos constitui como sujeitos (ALTMANN, 2001).

Segundo Calazans (2005), a concepção a respeito da sexualidade ainda é um desafio a ser instituído em nossa sociedade, pois ela ainda vê o tema apenas ligado a fatores biológicos, excluindo-o de influências históricas, culturais e sociais. No entanto, torna-se necessário conhecer melhor o que os adolescentes pensam sua realidade, mitos e tabus com respeito a sua sexualidade para que se possa abordá-la de modo a contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento sexual saudável (CAMARGO; FERRARI, 2009).

Assim, o presente estudo tem como objetivo apresentar e analisar as concepções sobre sexo e sexualidade de um grupo de adolescentes antes e após capacitação para atuação como multiplicadores de um programa de educação sexual desenvolvido no município de Foz do Iguaçu – PR.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 135 adolescentes, destes 31 estavam na faixa entre 13 e 14 anos, 60 na faixa de 15 a 16 anos e 58 alunos na faixa de 17 a 18 anos. Em relação à série em que cada aluno estava cursando, 17% dos alunos cursavam o 8º e 9º ano, 24,5% cursavam o 1º ano do ensino médio, aproximadamente 29% cursavam o 2º ano do ensino médio e 10,5% alunos cursavam o 3º ano do ensino médio; 19% dos alunos não responderam as informações relacionadas à série e idade. Os alunos se dividiram em 20,8% do sexo masculino e 75,5% alunos do sexo feminino, sendo que 3,7% não responderam a pergunta sobre o gênero.

PROCEDIMENTO

A Secretaria de Saúde do município de Foz do Iguaçu-PR, através do Programa DST/AIDS e Hepatites, desenvolve o programa “Adolescente Multiplicador” desde 2008. É um programa de educação sexual feito pelo e para o próprio adolescente em sua escola, e foi criado pelo Ministério da Saúde em 1990. No ano de 2011, foi firmada parceria com a Universidade do Oeste do Paraná, *campus* Foz do Iguaçu, com o objetivo de sistematizar tanto as ações educativas nas escolas participantes, quanto o treinamento dos adolescentes multiplicadores.

Para o treinamento foram estruturados cinco encontros de quatro horas, totalizando 20 horas, nos quais reuniu-se inicialmente 250 adolescentes, nos anos de 2011 e 2012, que foram capacitados como multiplicadores dos conhecimentos de educação sexual em suas escolas. Os assuntos discutidos com os adolescentes foram orientação sexual, adolescência, mudanças corporais, sistemas reprodutores masculino e feminino, masturbação, ciclo menstrual, métodos contraceptivos, gravidez e aborto; e DST e AIDS. O trabalho adotou um formato psicoeducativo, com atividades vivenciais e informativas, planejadas para gerar reflexão, sensibilização e modificação de informações, crenças e comportamentos.

Antes do primeiro encontro, os adolescentes receberam um questionário com perguntas sobre todos os assuntos a serem discutidos durante todo o encontro, entre elas questões sobre suas concepções sobre sexo e sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez, DST e AIDS. O mesmo questionário foi aplicado após a capacitação contendo as mesmas perguntas. Embora 250 adolescentes tenham iniciado o treinamento, apenas 135 concluíram, conforme indicado no item “participantes”.

RESULTADOS

Quadro 1 – Critérios de classificação das perguntas por categoria

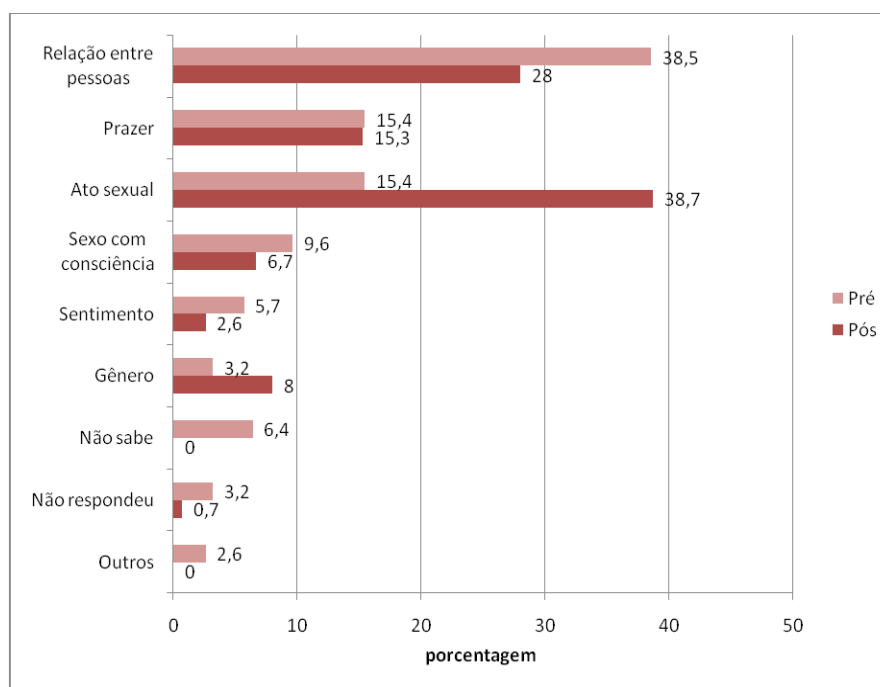
CATEGORIA	DEFINIÇÃO / DESCRIÇÃO
Relação entre pessoas	Respostas que se referiam a relacionamento afetivo ou físico entre pessoas do mesmo sexo ou não.
Prazer	Respostas que enfocavam o sentimento de prazer, tanto sexual, quanto afetivo.
Ato sexual	Respostas com ênfase na relação sexual (contato físico, penetração e orgasmo).
Sexo com consciência	Respostas que relacionavam a prática sexual à orientação/ informação e responsabilidade (como o uso de preservativos).
Sentimento	Respostas que associavam a sexualidade aos sentimentos envolvidos, e não somente ao ato sexual.
Gênero	Respostas relacionando sexo ao gênero masculino ou feminino.
Descobrimto / mudanças	Respostas que associavam sexualidade ao descobrimento do próprio corpo e do outro às mudanças que ocorrem nesta fase.
Não sabe	Respostas em que afirmavam desconhecimento do assunto, ou que demonstrassem não compreender o assunto.
Não respondeu	Respostas em branco.

Fonte: Instrumento de coleta de dados (2012).

Foram transcritas todas as respostas dos adolescentes antes e após a capacitação totalizando 550 respostas. As respostas foram lidas e separadas em unidades menores. Foi considerada uma unidade de análise aquela frase ou sentença que avaliada como uniforme em termos de conteúdo. A análise preliminar das unidades revelou algumas categorias que foram descritas e estão apresentadas na Tabela 1. As perguntas foram então categorizadas por dois juízes, e as discordâncias foram resolvidas por um terceiro juiz. Terminada a categorização das respostas, as mesmas foram quantificadas em termos de frequência e porcentagem (BARDI, 2004).

Os resultados mostraram que houve uma mudança significativa entre as concepções de sexualidade e sexo antes e após a capacitação.

Gráfico 1 – Porcentagem das concepções de sexo antes e após a capacitação para os adolescentes



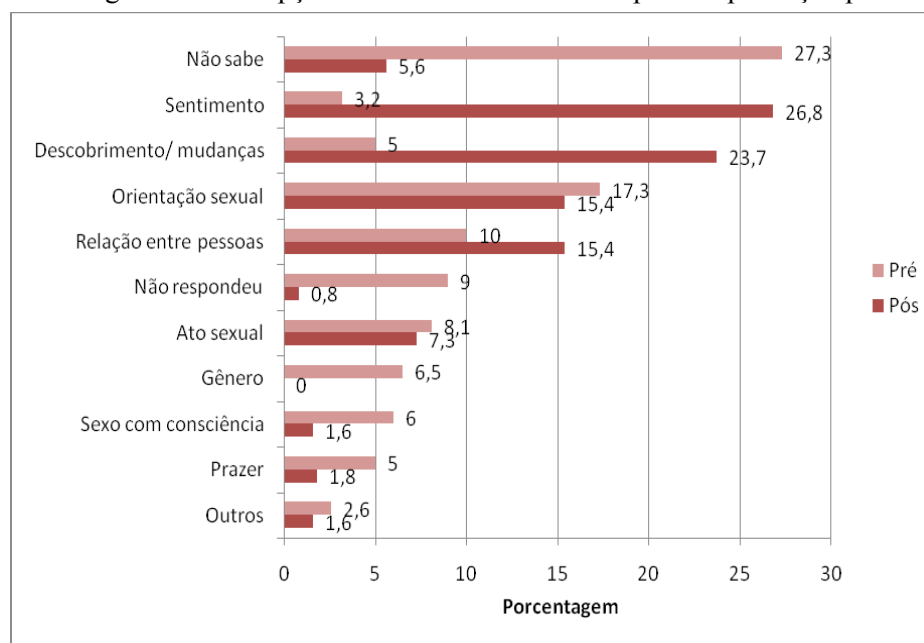
Fonte: Instrumento de coleta de dados (2012).

Como se pode ver na Figura 1, os adolescentes conceituavam sexo principalmente como **relação entre pessoas** (38,5%). Porém, se observou uma significativa mudança de pensamento após a capacitação, pois passaram a relacionar o termo ao **ato sexual** em si (38,7%). A categoria **prazer** continuou ocorrendo com frequência similar (em torno de 15%), enquanto outras categorias como **sexo com consciência** e **sentimento** obtiveram uma mudança menos evidente, diminuindo cerca de 3% da fase pré capacitação para a pós capacitação. Alguns adolescentes apontaram corretamente que a palavra sexo também pode se referir ao **gênero** masculino e feminino, observando-se um aumento desta concepção após a capacitação passando de 3,2% para 8%.

Quanto ao conceito de sexualidade, como se pode ver na Figura 2, a maioria das respostas se enquadrava na categoria **não sabe**, antes da capacitação (27,3%), porém, o desconhecimento sobre o assunto diminuiu significativamente após a capacitação (5,7%). Nota-se que, os adolescentes passaram a entender sexualidade como **sentimento** (26,8%) e **descobrimto/mudanças** (23,7%). Alguns ainda associaram sexualidade à **orientação sexual**, com uma frequência variando de 17,3 % no pré para 15,4% no pós. A categoria **ato**

sexual não apresentou mudança significativa, aproximadamente 1% entre o pré e o pós- capacitação, enquanto a categoria **gênero** não foi observada nas respostas dos adolescentes após a capacitação. As categorias como **sexo com consciência** e **prazer** também apresentaram redução após a capacitação.

Gráfico 2 – Porcentagem das concepções de sexualidade antes e após a capacitação para os adolescentes



Fonte: Instrumento de coleta de dados (2012).

DISCUSSÃO

Considera-se que investigações como a aqui apresentada podem ser úteis para os programas de saúde e educação, por focarem as significações que sustentam os comportamentos. Conforme afirmam Rios, Pimenta, Brito, Terto Jr. e Parker (2002, p. 48), propostas de intervenção voltadas para as populações jovens devem “partir do entendimento da lógica que rege o comportamento dos indivíduos e grupos”, superando a perspectiva prescritiva e normativa que impera neste campo. Foi em busca da identificação dessa lógica que se realizou a presente pesquisa.

Adota-se aqui a concepção de saúde e direitos reprodutivos que, de acordo com Matamala (1998), enfatiza a perspectiva de saúde integral, de atenção às dimensões biológica, psicológica e social dos sujeitos, trazendo ao âmbito dos direitos humanos o direito ao exercício pleno da sexualidade e da reprodução.

As concepções deste grupo de adolescentes revelam de certa forma as concepções errôneas que adolescentes em geral têm quanto a sexo e sexualidade. Apesar da prática do sexo estar sendo cada vez mais difundida em todas as camadas sociais, através do incentivo de sua liberação, nota-se que antes da capacitação a maioria dos adolescentes, concebia sexo como se referindo ao relacionamento afetivo ou físico entre pessoas do mesmo sexo ou não e ao prazer. Nota-se que o envolvimento afetivo e o prazer vinham em primeiro lugar como parte do conceito “sexo” e não “sexualidade”, conceito que não sabiam a que se referia.

Por outro lado, concebiam sexualidade apenas como orientação sexual, e não de forma mais ampla, enquanto uma esfera positiva da atuação humana (BARZELATTO, 1998), que inclui sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução.

Neste estudo, percebe-se que após a capacitação os adolescentes apresentaram uma mudança de pensamento, evidenciando desse modo, o benefício de tais programas. A discussão, reflexão, troca de experiências e debate de suas práticas proporciona um ambiente favorável à ampliação do conhecimento e mudança de concepção.

É necessário fortalecer os conceitos básicos acerca de sexualidade entre os adolescentes, para uma educação sexual mais proveitosa. Também a importância de se ensinar estes conceitos básicos concomitantemente ao início da puberdade facilitando conhecimentos futuros a cerca das práticas sexuais.

Os resultados deste trabalho apontam o pensamento distorcido que os adolescentes tinham acerca de sexo e sexualidade, conceitos que influenciam o modo de encarar suas práticas sexuais. Entretanto, os resultados são difíceis de serem avaliados em curto prazo, porém, espera-se contribuir com o aperfeiçoamento do nível de conhecimento desses indivíduos possibilitando uma vida sexual segura.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. (2009). Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. **Cadernos de Pesquisa**, 39(136), 175-200.
- _____. (2007). A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educação em Revista**, 46, 287-310.
- _____. (2003). Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, 21, 281-315.
- BARDI, J.; CAMPOS, L. M. L. **Produção de Materiais Didáticos para Temas de Orientação Sexual nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. Botucatu, SP. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista – UNESP. 2004.
- BARZELATO, J. Desde el control de la natalidad hacia la salud sexual y reproductiva: la evolución de un concepto a nivel internacional. In: E. D. Bilac & M. I. B. Rocha (Orgs.). **Saúde reprodutiva na América Latina e no Caribe: temas e problemas**. Campinas: PROLAB, ABEP, NEPO, UNICAMP, 1998. p. 39-49.
- BRANDÃO, E. R. **Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ. 2004.
- BRETAS, J.R.S. A Mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose. **Temas Desenvol**, 2004; 72(12): 29-38.
- BRASIL. **Secretaria de Políticas de Saúde**. Programa Nacional de DST e AIDS: dados e pesquisas em DST e aids, 2003. In: CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n.3, p. 937-946, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Projetos Educacionais Especiais**. Diretrizes para uma política Educacional em Sexualidade. Série Educação Preventiva Integral. Brasília (DF): Ministério da Educação e Desporto; 1994
- CALAZANS, G. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para reflexão. In: Abramo HH, Branco PPM, organizadores. **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Cidadania; 2005. p. 215-241.
- CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 3 p. 937-946, 2009.
- CARDOZO, D.N., FREITAS, I.C., FONTANA, M.S.H. Comportamento sexual de adolescentes do gênero feminino de extratos sociais distintos em Salvador. **Rev Paul Ped**, 2002; 20(3): 122-7.
- CEDARO, J.J.; VILAS BOAS, MARTINS, R. Adolescência e sexualidade: um estudo exploratório em uma escola de Porto Velho, RO. **Psicol. cienc. Prof.** [online], 2012, vol.32, n.2, pp.320-339. ISSN 1414-9893. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000200005>>.
- COSTA, C.O.M.; LOPES, C.P.A.; SOUZA, R.P.; PATEL, B.N. Sexualidade na adolescência desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. **J Ped**, 2001; 77(supl 2): 217-24.
- DINIS, N.; & ASSINELLI, Luz. **A Educação Sexual na perspectiva histórico-cultural**. S. L.: Educar, 2006. p. 77-87.
- FELTRIN, S; GIL, BNK. Educação sexual e contracepção de adolescentes das áreas rural e urbana: estudo comparativo. **Rev Cien Saúde**, 1996; 15(1/2): 237-45.

-
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- GARCIA, F. **Secundário sem disciplina de Educação Sexual**. São Paulo (SP): Seminário Transmontano, 2004
- HERCOWITZ, A. Gravidez na adolescência. **Pediatria moderna**, São Paulo, v. 38, n. 8, p. 392-395, 2002.
- JARDIM, D.P; MARQUES, C; MORAES, MJ; MARQUES, IR. **Contraceção na adolescência**: o que há entre o saber e o fazer. In: Anais 55º. Congresso Brasileiro de Enfermagem; 2003 nov 10-14; Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Rio de Janeiro (RJ): ABEn; 2003.
- JUSTO, J. S. O ficar na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia**, (2005). 17(1), 61-77.
- LUNARDELLI, J. L. Anticoncepção na adolescência. **Pediatria Moderna**, v. 38, n. 8, p. 381-387, 2002.
- MATAMALA, M. I. Derechos sexuales y reproductivos, Estado y Sociedad. In: E. D. Bilac & M. I. B. Rocha (Orgs.). **Saúde reprodutiva na América Latina e no Caribe**: temas e problemas. Campinas: PROLAB, ABEP, NEPO, UNICAMP. p. 237-260.1998.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **La salud de los jóvenes**: un reto y una esperanza. Ginebra. 1995. 120 p.
- PEREIRA, E. D. **Desejos polissêmicos**: discursos de jovens mulheres negras sobre sexualidade. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2008.
- RIOS, L. F; PIMENTA, C; BRITO, I; TERTO JÚNIOR, V; PARKER, R. p. 39-49, oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. **Cadernos cedes**; n. 22; v.57; p.45-61. 2002.
- VITIELLO, N. **Reprodução e Sexualidade**. São Paulo: Ceich. 1994.

